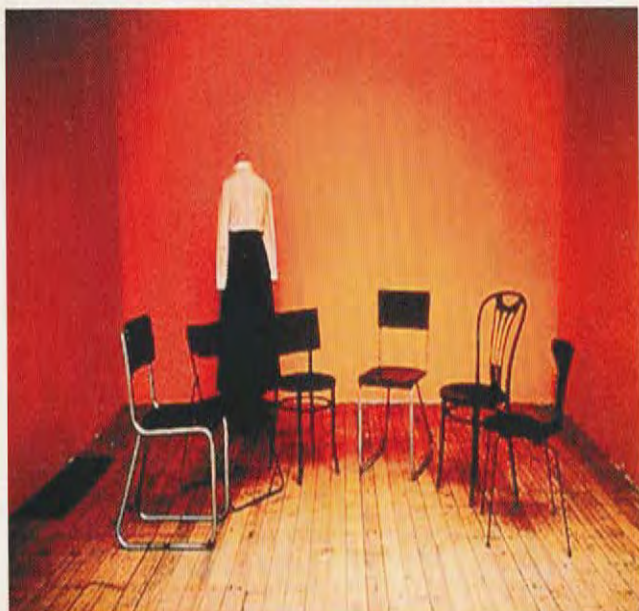


José Carretas / Teresa Faria



I l u m i n a d o s

t e a t r o



edições tema

I l u m i n a d o s

Tudo o que vires conta ao teu Bispo

com um
Monólogo imaginário do Padre Cavador

José Carretas (Coimbra, 31 de Março de 1953)-
Dramaturgo e encenador.

Teresa Faria (Coimbra, 29 de Maio de 1956)-
Dramaturga, actriz. Dirige Oficinas de Expressão
Dramática.

Obras conjuntas:

**Malaquias ou a História de um Homem
Barbaramente Agredido** (a partir da novela
homónima de Manuel de Lima), 1993

Caixa Preta, 1996

O Erro Humano, 1999

Capa s/ obra de **Dominique González Foerster**

Edições Tema - Edições não-venais

1ª Edição Absoluta: Lisboa, Dezembro 2000

Direcção Literária: Alberto Augusto Miranda;

Logotipo: Anxo Pastor;

Departamento Literário da Sociedade Guilherme Cossoul

Endereço electrónico: ahahmiranda@hotmail.com

Lisboa - Portugal Telef: 351+965817337

Delegações:

Ponta Delgada: Fernando Martinho Guimarães; Amsterdam: Almerinda
Alves, Tilburg (Holanda): Marian van Riemsdijk; Póvoa de Varzim:
Aurelino Costa; Genève (Suíça): Silvana Brennwald; Braga: Nani
Pinto, São Paulo (Brasil): Alfredo Fressia; Telões: Alexandre Teixeira
Mendes; Braga: Nani Pinto, Londres: Delfim M.Lopes; Székéshérvár
(Hungria): Réka Reichardt; Zamora: Máximo Hernández.

Depósito Legal: 158452/00

Impressão: Ciência Gráfica

Tiragem: 500 exemplares

José Carretas/Teresa Faria

Iluminados



Edições Tema

Esta peça é um documentário. É um relato minucioso (com a minúcia que a memória permite) de uma visita à "obra" mística e em cimento armado da famosa Santinha da Ladeira, em 1986.

Procura-se, portanto, um registo, um tom que devolva ao público a frescura de quem fala sem saber que existe palco ou câmara de filmar ou texto editado.

A religião é talvez, hoje, um dos temas mais difíceis de abordar, neste país.

Porque é na religião que se revelam os medos e, portanto, as fragilidades das pessoas.

(Não é de bom gosto pôr o dedo na ferida).

Porque continua a existir neste país uma espécie de "complexo pombalino": o receio de parecer Afonso Costa, anti-clerical primário. Ensina-nos na escola que houve excessos republicanos, que o Administrador de Leiria, por pouco, não pôs os Pastorinhos no caldeirão de azeite a ferver.

Ensina-nos que quem não acredita está contra as pessoas que têm fé.

(Não é de bom senso mexer no que está quieto).

E, no entanto, a religião move-se.

Permanecendo, pelo menos, em três religiões:

Uma primeira, ritual alicerçada nos momentos principais da vida humana: o nascimento ("O Baptizado"), o acasalamento ("O Casamento"), a morte ("O Funeral"). São as ocasiões que constituem o poder da igreja superestrutural.

Esta Igreja, quando analisada, sente-se incomodada.

Uma segunda, a das crenças, das superstições. A dos resquícios de coisa mais antiga que as próprias igrejas e que as Igrejas aproveitam também. O animismo ("o paganismo") que persiste no dia-a-dia: o gato preto, as figas, os amuletos, os feitiços, as portas e janelas que fecham sozinhas, os números mágicos e a magia das contas que batem certo, os mapas astrológicos, os ruídos da noite no soalho a ranger.

Esta religião escondida quando "racionalizada" sente-se ofendida, paternalizada.

E, é claro, há uma terceira religião, a do negócio que vive da segunda e sobrevive à sombra da primeira.

Esta religião quando desmascarada, não sente coisa nenhuma, desde que continue a facturar.

Falar da religião hoje, talvez seja possível só assim, como fizemos neste texto: em forma de reportagem, mostrando apenas, sem distinguir religiões de seitas, seitas de crenças. Como se estivéssemos a falar não de Política, não de Teatro, mas de Antropologia, de Etnografia, de Folk-lore. Ou, das questões essenciais que a própria religião não sabe responder.

Se por acaso este texto, uma vez posto em cena, provocar em alguém efeito de estranheza, pode ter a certeza que foi de propósito: procurámos a simplicidade, a depuração dos possíveis primórdios do Teatro – essa leveza inocente que nasce da vontade apenas de contar o que ouvimos.

Iluminados são todos aqueles que a Santinha alguma vez abençoou, como é o caso dos autores deste texto. Iluminados serão aqueles que, ao ver e ler o espectáculo, dele possam extrair as lições que acharem mais convenientes.

José Carretas e Teresa Faria